

O BRINCAR COMO RECURSO TERAPÊUTICO NA COMPREENSÃO DA PSICANÁLISE WINNICOTTIANA

PLAYING AS A THERAPEUTIC RESOURCE IN THE UNDERSTANDING OF WINNICOTTIAN PSYCHOANALYSIS

Luciana Carlos Pinto Ventura¹
Allyne Evellyn Freitas Gomes Mendes²

RESUMO: O tema que permeou o presente trabalho foi o brincar, atividade tão presente no universo infantil. E teve como objetivo ressaltar que esse brincar vai além de um simples passar do tempo pois é a forma de comunicação da criança, onde ela transmite através das brincadeiras os seus conteúdos internos. Além disso, é através dele que a criança aprende e internaliza sobre o mundo externo. A temática nem sempre foi valorizada ao longo da história, mas adquiriu muita importância desde os primórdios da Psicanálise. Winnicott, pediatra e psicanalista, foi um autor que mergulhou nesse universo, estudando e vivenciando o assunto em sua prática clínica. E este estudo visa trazer um olhar winnicottiano sobre o brincar para a clínica psicológica de orientação psicanalítica. Enfatizando que o brincar e sua importância tem repercussões na clínica não só no atendimento de crianças, mas também no atendimento de adulto, através das inflexões das palavras, do timbre de voz, do senso de humor, da criatividade. Para esse autor, o brincar tem um sentido ampliado e por isso ele defende que a psicoterapia é um derivado desse brincar. E vai além quando diz que o psicoterapeuta que não sabe brincar não serve para o ofício e o paciente que também não sabe precisa aprender antes de qualquer outra demanda. Pois a terapia acontece através de duas pessoas que brincam juntas.

226

Palavras-chave: O brincar. Psicanálise infantil. Psicologia clínica. Winnicott.

ABSTRACT: The theme that permeated this work was playing, an activity that is so present in children's universe. And it aimed to emphasize that this play goes beyond a simple passage of time because it is the child's form of communication, where he transmits his internal contents through the games. In addition, it is through him that the child learns and internalizes about the external world. The theme has not always been valued throughout history, but it has acquired a lot of importance since the beginnings of Psychoanalysis. Winnicott, pediatrician and psychoanalyst, was an author who immersed himself in this universe, studying and experiencing the subject in his clinical practice. And this study aims to bring a Winnicottian view on playing to the psychoanalytically oriented psychological clinic. Emphasizing that playing and its importance has repercussions in the clinic not only in the care of children, but also in the care of adults, through the inflections of words, the tone of voice, the sense of humor, creativity. For this author, playing has an expanded meaning and that is why he argues that psychotherapy is a derivative of this playing. And he goes further when he says that the psychotherapist who doesn't know how to play is not fit for the job and the patient who doesn't know how needs to learn before any other demand. Because therapy happens through two people playing together.

Keywords: Playing. Child psychoanalysis. Clinical psychology. Winnicott.

¹Graduanda em Psicologia do Centro Universitário Maurício de Nassau.

²Graduação em Psicologia, Mestre em Psicologia UFPE, Psicopedagoga, Psicanalista associada ao corpo Freudiano - Núcleo vassouras RJ.

I. INTRODUÇÃO

Nem sempre houve, ao longo da história, uma compreensão e valorização da criança como se tem atualmente. Na Idade Média a criança era vista como um pequeno adulto. A mortalidade nessa época era muito grande, tida como algo natural na sociedade e por esse motivo os adultos não se apegavam muito. Com o passar do tempo, a partir do século XVII, a vida passa a ser valorizada desde o início. E a noção de inocência infantil, a necessidade de preservação e educação passam a ser uma preocupação das famílias. Para Rousseau, “não há perversidade original no coração humano”. A criança nasce inocente, pura, com maneira de pensar e sentir que são próprias à sua idade (COSTA, 2010).

Com o advento do capitalismo, a criança começa a ser vista como um investimento lucrativo e a família passa a se preocupar com escola, educação, brincadeiras para que essa criança tenha um futuro bom e produtivo. Assumindo dentro da família um lugar central. E é dentro desse momento histórico que surge a Psicanálise. E a partir da escuta psicanalítica, Freud descobre a importância da infância na constituição do sujeito e as suas neuroses. A criança psicanalítica é a criança do inconsciente, a criança das pulsões. Para Freud, a criança não é um sujeito inerte, mas um indivíduo atravessado por desejos (SOUZA, 2021). Porém, ele se posicionou de forma contrária que a psicanálise fosse um método aplicável a crianças, no qual 227
inibiu os analistas de futuras gerações.

Porém, em 1905, publicou sobre o que seria sua maior contribuição à análise de crianças: o caso do pequeno Hans. Freud acompanhou a criança à distância, pois a viu uma única vez. Foi através do pai do menino que a análise indireta ocorreu. O caso possibilitou o reconhecimento e a importância dos dinamismos do sujeito infantil. Por isso, podemos considerar que foi com o “caso pequeno Hans”, uma história de fobia, que iniciou a análise com crianças.

Contudo, coube, inicialmente, às mulheres o papel de analisar crianças. A primeira mulher que trabalhou com elas na perspectiva da psicanálise foi Hermine Von Hug-Hellmuth no ano de 1921. Ela utilizava jogos e desenho, afirmando que dessa forma as crianças elaboravam situações difíceis e traumáticas. Tendo Freud lhe reservado um lugar à sessão na revista *Imago* dedicada à psicanálise com crianças. Sendo considerado uma valiosa contribuição na época, principalmente por que confirmava a teoria de Freud. Ao mesmo tempo, outros autores também começavam os seus estudos em relação à psicanálise infantil, como Anna Freud e Melanie Klein.

Anna Freud foi seguidora de Hug-Hellmuth e a partir de 1926 começou o seu trabalho de análise com crianças (ZIMERMAN, 2004). Quase ao mesmo tempo que M. Klein, porém, seguiu uma orientação de natureza fundamentalmente pedagógica, reeducando a criança no sentido de uma adaptação dela à realidade, visando à construção de um melhor convívio com os pais e irmãos. Anna Freud criticava M. Klein, a qual, na mesma época, por volta de 1927, praticava a psicanálise dentro do rigor psicanalítico, criando muita polêmica. Anna Freud não admitia a possibilidade da neurose de transferência na criança (assim como Freud) e, por isso, a análise infantil teria de restringir-se a uma ação educativa, diferentemente de M. Klein.

Melanie Klein foi uma importante psicanalista de crianças, tendo discordado do ponto de vista de Hug-Hellmuth e Anna Freud. Ela teve um modo bastante peculiar de entender e interpretar a técnica. Introduziu, de forma mais sistemática e consistente, o uso de brinquedos, desenhos e jogos na sua técnica. No qual, para ela, o uso de jogos que as crianças faziam com os brinquedos equivaliam à Associação livre no adulto em análise (ZIMERMAN, 2004). Ela considerava que a criança já dispõe de muitas possibilidades análogas às do adulto e, por isso, podia-se recorrer muitas vezes ao comportamento adotado na análise dos adultos (RIBAS, 1953). Os componentes da Sociedade Britânica ficaram divididos entre Anna Freud e Melanie Klein, o que gerou as famosas controvérsias, no início dos anos 40 e resultou na existência de três grupos: 228 o freudiano, o kleiniano e o independente – ainda vigentes na atualidade.

Por fim, outro autor não menos importante, e o qual permeou o presente estudo, foi Donald Woods Winnicott que, de formação originalmente kleiniana, aos poucos, foi se distanciando de M. Klein e ingressou no grupo “independente”. Das ideias originais que D. W. Winnicott trouxe como grande contribuição para a compreensão do desenvolvimento emocional primitivo da criança foi sobre a vinculação primária com a mãe real. Isso foi-lhe facilitado pela sua experiência como pediatra, quando ele brincava com os seus pacientes, com o jogo do rabisco e jogo da espátula.

Além disso, origina dele a ideia da mãe suficientemente boa (não necessariamente a própria mãe do bebê) sendo aquela que efetua uma adaptação ativa e contínua às necessidades do bebê, porém, que vai a diminuir com o tempo, à medida que cresce a capacidade do indivíduo em se adaptar ao fracasso e tolerar os resultados da frustração (WINNICOTT, 1975).

Sobre o brincar ele diz que atua como facilitador de crescimento, de relacionamentos

grupais; de comunicação, na psicoterapia e de saúde. E que “a psicanálise foi desenvolvida como forma altamente especializada do brincar, a serviço da comunicação consigo mesmo e com os outros” (WINNICOTT, 1975, p. 70). Pois os recursos lúdicos apresentados à criança para que ela brinque no *Setting* terapêutico são importantes ferramentas que podem ser utilizadas na clínica psicológica de orientação psicanalítica Winnicottiana.

Além disso, sugere que o brincar também se aplica ao adulto, manifestando-se, por exemplo, na escolha das palavras, nas inflexões da voz e no senso de humor (WINNICOTT, 1975). E defendia que o brincar não é exclusivo da infância, também é um recurso terapêutico valioso em qualquer idade. Pois, segundo Winnicott (1975), a psicoterapia acontece entre duas pessoas que brincam juntas.

O interesse em realizar esse estudo surgiu ao observar crianças brincando nos mais diversos ambientes e vislumbrar o quanto elas trazem de si para a brincadeira e da brincadeira para si. Ressaltando a importância em fazer um estudo teórico que visasse reunir e aprofundar, numa revisão bibliográfica, conhecimentos técnicos que permeiam a importância do brincar na constituição do sujeito. Analisando a importância do brincar como recurso terapêutico na clínica psicológica infantil pela perspectiva da Psicanálise, tendo como principal teórico Winnicott.

Dessa forma esse estudo foi importante por ter a oportunidade de aprofundar os 229 conhecimentos técnicos acerca desse brincar, tornando-se uma efetiva contribuição para futuros atendimentos clínicos. Reunindo, numa pesquisa bibliográfica, a significância acerca desse brincar para a subjetividade humana. Nesse contexto, o trabalho abordou a temática para fins de esclarecimentos e entendimento acerca da importância que esse conteúdo traz à psicoterapia, não apenas àquela voltada para o universo infantil, mas para qualquer momento da vida do indivíduo.

2.MÉTODOS

O presente trabalho tratou-se de uma revisão bibliográfica de natureza básica baseado em fundamentações das análises e dizeres teóricos do mundo acadêmico. Onde foi realizada uma abordagem qualitativa com objetivos exploratórios. Sendo de natureza narrativa, na qual a busca pelos estudos não pretendeu esgotar as fontes de informações acerca do brincar, mas constou de uma vasta pesquisa. Teve como procedimentos técnicos referências em: artigos científicos dos

últimos cinco anos e livros sobre a temática do brincar no olhar psicanalítico, tendo Winnicott como principal referencial teórico.

Inicialmente foi realizada uma ampla pesquisa em artigos que tratam do tema e realizadas pré-leituras para a seleção de materiais condizentes com a temática. Depois foi realizada uma leitura seletiva e crítica para verificar os artigos que se relacionariam ou não com o problema de pesquisa, para exclusão ou inclusão. E por fim, realizada uma leitura interpretativa acerca da proposta do estudo.

3. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

3.1 O brincar a partir da Teoria do Amadurecimento Pessoal de Winnicott

Freud foi de indiscutível importância para o entendimento do funcionamento e a constituição psíquica das pessoas, porém, o objeto de estudo dele foi a Neurose. Chegou um momento em que outros tipos de pacientes começaram a aparecer nos consultórios e a teoria Freudiana não era suficiente para explicar tudo. Então, foram surgindo outras teorias para complementar o que Freud havia investigado. Winnicott, um dos importantes psicanalistas pós-freudiano, começou a perceber na prática clínica que para algumas pessoas, a demanda analítica ²³⁰ devia estar relacionada a algo que havia acontecido nas fases iniciais do desenvolvimento humano anterior ao Complexo de Édipo, o qual Freud baseava a sua teoria.

Enquanto Freud pensava numa triangulação relacional, Winnicott passou a pensar numa relação diádica. Vejamos:

Há uma boa razão para se acreditar que preocupação – com o seu aspecto positivo – emerge no desenvolvimento emocional inicial da criança em período anterior ao clássico complexo de Édipo, que envolve um relacionamento a três pessoas, cada uma sendo percebida como uma pessoa completa pela criança (WINNICOTT, 1983 [1963], p. 71)

Ou seja, a mãe e o bebê funcionaria como sendo um só nos primeiros meses de vida desse bebê, a mãe exercendo a função de ambiente e o bebê inserido nesse ambiente que o sustenta. Então surgiu a problemática diádica Winnicottiana, que difere da diádica Kleiniana, em que a mãe exerce um papel de ambiente facilitador. Com isso, Winnicott dizia que utilizava a técnica psicanalítica padrão com pacientes neuróticos e com pacientes não neuróticos com os quais isso não era possível usava outros recursos. Porém, em todos os casos o *holding* com o lúdico sempre

foi sua ferramenta maior (NAFFAH NETO, 2008).

A teoria Winnicottiana propõe o desenvolvimento emocional humano nos seus estágios mais precoces de vida, por isso, a sua teoria é baseada no desenvolvimento emocional primitivo. Winnicott(1975), parte da ideia de que, para o bebê, nos seus primeiros meses de vida, ele e a sua mãe sendo um só, ele seja dependente absoluto desses cuidados maternos. Porém, é indiferente quem exerça essa função de maternagem nesse período de dependência absoluta. E se tudo ocorrer bem e a mãe começar a falhar, o bebê poderá perceber elementos os elementos que não fazem parte de si mesmo. Isso significa que, “A ‘mãe’ suficientemente boa (não necessariamente a própria mãe do bebê) é aquela que efetua uma adaptação ativa às necessidades do bebê, uma adaptação que vai a diminuir gradativamente” (WINNICOTT, 1975, p. 24)

Em outras palavras, a mãe suficientemente boa é aquela que consegue se identificar com as necessidades do bebê, é a mãe real. E a medida que o bebê se desenvolve, essa mãe vai a tornar-se desnecessária. O bebê passa de uma fase de dependência absoluta para uma fase de dependência relativa, rumo à independência. Como diz Winnicott (1975, p. 24): “A mãe suficientemente boa, como afirmei, começa com uma adaptação quase completa às necessidades do seu bebê, e, à medida que o tempo passa, adapta-se cada vez menos completamente, de modo gradativo, segundo a crescente capacidade do bebê em lidar com o fracasso dela.”

231

Pois Winnicott origina que existem três processos que acontecem logo cedo no desenvolvimento inicial do bebê, são eles: integração, personalização e realização. Para ele, o bebê nasce desintegrado e com o *Holding* (sustentação), a mãe suficientemente boa vai oferecendo suporte físico e psíquico, exercendo a função de um ego auxiliar e dessa forma vai ocorrendo a integração do *self* do bebê, em uma fase de dependência absoluta. Em seguida, em uma fase de dependência relativa, ocorre o *Handling* (manejo), onde a mãe suficientemente boa auxilia o bebê dando contorno ao seu corpo e ele vai se diferenciando de quem ele é e quem é o outro. É quando ocorre a personalização. Por fim, o terceiro e último processo é a realização, onde o bebê começa a ser apresentado ao mundo. E onde, na Teoria winnicottiana, tem início as relações objetais (WINNICOTT 2000 [1945], p. 222).

É nesse último processo, onde tem o início das relações objetais, que começa o brincar e a escolha do objeto transicional. Vejamos o que diz Winnicott (1975, p. 68) sobre isso: “O significado do brincar adquiriu novo colorido para mim a partir de meus estudos sobre os

fenômenos transicionais.” Pois é nessa fase, em que o bebê começa a diferenciar-se como sujeito único, em que ele elegerá um objeto transicional que fará a transição entre a fase de dependência absoluta rumo a independência relativa. Porém, o objeto transicional não será necessariamente um objeto, podendo ser uma música, por exemplo. Por isso, o termo fenômenos transicionais que é mais abrangente do que objeto transicional.

O importante é que esses fenômenos cumpram a função de separação gradativa e saudável da mãe suficientemente boa para o surgimento do seu verdadeiro *self*. Os fenômenos transicionais transitam entre uma área interna e uma área externa. Ou seja:

Em estado saudável, há uma evolução dos fenômenos transitórios e do uso de objetos para a capacidade total de brincar da criança. É muito fácil constatar que as brincadeiras são de grande importância para todas as crianças e que a capacidade de brincar é um sintoma de saúde no desenvolvimento emocional” (WINNICOTT, 1982 [1964,1957], pág 193).

Os fenômenos transicionais são as diversas atividades em que o bebê pode utilizar nos momentos do surgimento da angústia de separação da mãe por perceber-se como um ser único. E quando o bebê utiliza um objeto para esse fim é chamado de objeto transicional. Esses fenômenos/objetos são utilizados para sustentar uma experiência difícil (antes o bebê achava que fazia parte do ambiente e tudo ocorria de forma “mágica” e depois descobre que não é isso que acontece, então ele parte de uma ilusão para uma desilusão. E isso gera uma angústia e por isso os fenômenos/objetos transicionais para diminuir essa angústia. “Eles vêm alojar-se num espaço intermediário entre a realidade interna e a realidade externa” (NASIO, 1995, p. 193). 232

Winnicott acredita que todo sujeito herda uma tendência inata à integração e na clínica será possível verificar se esses processos foram realizados. Se não tiver acontecido, será necessário vivenciá-los junto a figura do analista para o surgimento do seu verdadeiro *self*. Por isso, há uma necessidade do sujeito que se desenvolveu em um ambiente insuficientemente bom, precisar vivenciar essa “mãe” na clínica para que seu verdadeiro *self* possa surgir (SOUZA, 2021). Visto que o *Setting* terapêutico pode exercer essa função de ambiente de sustentação, facilitando o surgimento de seu verdadeiro *self*. E isso pode acontecer através do brincar.

Assim sendo, a psicoterapia acontece através de duas pessoas que brincam juntas. E quando isso não é possível, o tratamento precisa ser dirigido no “sentido de trazer o paciente de um estado em que não é capaz de brincar para o estado em que o é” (WINNICOTT, 1975). Alegando a importância desse recurso como forma de entender o universo infantil assim como

entender que a terapia em si pode ser utilizada como uma brincadeira, inclusive a terapia de adultos. O brincar exerce uma função educadora, permitindo à criança exercer uma nova posição, o de sujeito de fala. No brincar, a fantasia se transforma em criatividade, facilitando o crescimento e a saúde. “É no brincar, e talvez apenas no brincar, que a criança ou o adulto fruem sua liberdade de criação” (WINNICOTT, 1975, p. 88). Pois é através do dele que a pessoa desenvolve a sua criatividade.

3.2 A importância do brincar como linguagem natural da criança e aplicação nos atendimentos Psicológicos de orientação Winnicottiana

A Psicoterapia é um lugar em que muitas pessoas evoluem apenas por que alguém o escuta de forma inteligente. Só o fato de fazer uma Anamnese com mães, de ouvi-las, já é em si mesmo uma Psicoterapia. Na Psicanálise com crianças muito pequenas, a brincadeira é empregada no lugar da fala. E nas crianças maiores, inclusive nos adultos, as brincadeiras podem ser a forma de acessar conteúdos inconscientes (WINNICOTT, 1999). Ou seja, uma escuta autêntica faz muita diferença para a evolução do paciente, pois o sintoma faz parte de uma história que precisa ser contada para transformar conteúdos inconscientes em conteúdos conscientes. E na criança o inconsciente pode ser acessado de forma mais fácil, pode ser acessado de forma lúdica.

233

Em outros termos, poderá ser através do brincar que a criança irá levar à terapia elementos das suas experiências e realidade. E psicoterapeuta vai acolher, entrando no seu mundo. Pois além de ser terapêutico, os brinquedos favorecem a comunicação, acessando conteúdos internos. E um olhar para esse brincar, possibilitará a escuta. Sendo comum em atendimentos com crianças, a utilização desses recursos como atividade clínica, já que através deles a criança poderá projetar o seu mundo interno e é através deles que organiza a sua realidade. “Nas brincadeiras, por um lado a criança revela a sua relação com a realidade interna, por outro lado, a sua relação com o mundo externo” (REIS, 2011, p. 235).

Vejamos o que diz Winnicott sobre o assunto:

O brincar facilita o crescimento portanto, a saúde; o brincar conduz aos relacionamentos grupais; o brincar pode ser uma forma de comunicação na psicoterapia; finalmente, a psicanálise foi desenvolvida como forma altamente especializada do brincar, a serviço da comunicação consigo mesmo e com os outros” (WINNICOTT, 1975, p 70).

Mas o brincar não acontece apenas através do tradicional objeto que a nossa cultura

nomeia como brinquedo, qualquer objeto pode se transformar em brinquedo para a criança e, podendo servir como conteúdo criativo. Nem sempre sendo fundamental a presença de um objeto, necessário apenas o fantasiar, a criatividade. Pois como diz Winnicott (1999 [1970], p. 50): “A criatividade é inerente ao brincar, e talvez não seja encontrável em nenhuma outra parte. Somente sendo criativo a criança descobre o seu próprio eu.”

Com a brincadeira a criança vai a aprender a lidar com a agressividade e cria um mundo próprio, situando as coisas do seu mundo numa nova maneira, proporcionando prazer para ela. Mesmo que diferencie o brincar da realidade, não consegue saber o limite entre um e outro, gosta e precisa apoiar os objetos e situações imaginando em objetos tangíveis e visíveis da realidade. É através da brincadeira que a criança processa o mundo externo e projeta os seus conteúdos internos.

Para as crianças, a atividade lúdica não é apenas uma simples brincadeira, o brincar é um persistente trabalho de elaboração. Expressando as suas fantasias, os seus desejos e experiências reais numa forma simbólica. A importância do brincar na constituição psíquica é considerada desde o início da Psicanálise, pois viabiliza a análise do sujeito infantil, sendo hoje uma ferramenta indispensável no tratamento clínico com pequenos pacientes (SANTOS, 2013).

Winnicott (1982 [1964,1957], p. 163) fala que:

234

A criança adquire experiência brincando. A brincadeira é uma parcela importante da sua vida. As experiências tanto externas como internas podem ser férteis para o adulto, mas para a criança essa riqueza encontra-se principalmente na brincadeira e na fantasia. Tal como as personalidades dos adultos desenvolvem-se através das suas experiências da vida, assim as das crianças evoluem por intermédio das suas próprias brincadeiras e por adultos. [...] A brincadeira é a prova evidente e constante da capacidade criadora, que quer dizer vivência.”

Contudo, o brincar para Winnicott difere do brincar da Psicanálise clássica. Ele não olha para a utilização da brincadeira, mas para a criança que brinca. Ou seja, o brincar conta alguma história e não é apenas expressão de conflitos, porém, no brincar é possível mostrar qual a dinâmica que a pessoa faz para lidar com isso. E qual o momento do desenvolvimento ela está no processo de amadurecimento. Por isso, a caixa lúdica, a espátula, a cadeirinha, por exemplo, ficava à disposição para a criança utilizar se quisesse.

Ele traz também que há necessidade de contribuir para que as crianças possam brincar entre si mesmo, pois as brincadeiras entre elas tem uma função psicoterápica imediata e universal, incluindo o estabelecimento de uma atitude social positiva com respeito ao brincar.

Por isso, “É bom recordar que o brincar é por si mesmo uma terapia” (WINNICOTT, 1975, p. 83.). Para ele, o brincar é algo tão importante para que a pessoa cresça de forma saudável que acredita que “Quando um paciente não pode brincar, o psicoterapeuta tem de atender a esse sintoma principal, antes de interpretar fragmentos de conduta” (WINNICOTT, 1975, p. 79).

A diferença entre a análise de uma criança e a de um adulto é que a primeira se dá na forma do brincar durante a sessão, enquanto a segunda quase toda a atuação ocorre fora da análise e o trabalho da análise é feito verbalmente. “Na psicoterapia de uma criança pequena, a sala de brinquedos muitas vezes representa a pequena psique da criança, e o analista é assim admitido ao mundo interno da criança” (WINNICOTT, 1988, p. 91). Ele diz que é no brincar que o indivíduo, independente de idade, pode ser criativo e utilizando a sua personalidade integral e que dessa forma o indivíduo vai descobrir o seu verdadeiro *self* (WINNICOTT, 1975).

3.3 O brincar está presente na Clínica Psicológica Psicanalítica independente da idade

Winnicott traz a ideia, conforme já foi citado, a qual o adulto que não sabe brincar não serve para ser terapeuta, pois a própria terapia pode ser uma forma de brincar. Alegando a importância desse recurso para entender o universo não apenas infantil, mas também como forma de entender que a terapia em si pode ser utilizada como uma forma de brincar, um espaço 235
lúdico, inclusive a própria terapia de adultos. Além disso, partindo da ideia que o inconsciente é atemporal, podemos verificar que o brincar não é exclusivo da clínica psicológica psicanalítica infantil, pois sendo o indivíduo da psicanálise sujeito do inconsciente, este o acompanha por toda a vida.

Vejamos o que Winnicott fala sobre a o brincar dos adultos:

O que quer que se diga sobre o brincar de crianças aplica-se também aos adultos; apenas, a descrição torna-se mais difícil quando o material do paciente aparece principalmente em termos de comunicação verbal. Sugiro que devemos encontrar o brincar tão em evidência nas análises de adultos quanto o é no caso do nosso trabalho com crianças. Manifesta-se, por exemplo, na escolha das palavras, nas inflexões de voz e, na verdade, no senso de humor.” (WINNICOTT, 1975, p. 68)

Ele não pensa no brincar apenas na vertente da brincadeira, mas de uma forma ampliada. O desdobramento desse brincar acontece na vida adulta como um criar e recriar de si mesmo, pois o brincar vai muito além do que a criança e o brinquedo, ou seja, não se trata apenas da brincadeira infantil na Clínica Winnicottiana. Inclusive a terapia, a proposta do *Setting*, serve como uma brincadeira.

E ele vai além, dizendo que a terapia acontece entre a área lúdica do paciente e terapeuta. Pois “Se o terapeuta não pode brincar, então, ele não se adequa ao trabalho. Se é o paciente que não pode, então algo precisa ser feito para ajudá-lo a tornar-se capaz de brincar, após o que a psicoterapia pode começar.” Pois é brincando que o paciente e o terapeuta podem externar a sua criatividade (WINNICOTT, 1975, p. 89).

O analista que não consegue brincar não consegue criar a experiência transicional tão necessária no *Setting*, pois Winnicott diz que a terapia é uma experiência transicional de um estágio de dependência absoluta para rumo à independência relativa. E um critério de avaliação da saúde emocional é a capacidade da pessoa tem de brincar. Tem um jeito é o analista começar brincando, criando a experiência transicional.

Uma vez que, ele associa o brincar a criação do *self* e a criatividade. Afinal, o brincar está relacionado à criatividade e a forma de estar no mundo, sendo uma importante ferramenta na terapia e em qualquer momento da vida. E o terapeuta também precisa ser criativo para conduzir o processo terapêutico. Por isso, o brincar é tão importante para a clínica Winnicottiana. Não o brincar da criança, mas a capacidade de ser criativo e de criar o mundo. Diz ainda sobre a importância do brincar no processo psicoterápico: “ a minha descrição equivale a um pedido a todo terapeuta para permitir a manifestação da capacidade que o paciente tem de brincar, isto é, 236 de ser criativo no trabalho analítico” (WINNICOTT, 1975, p. 93)

Winnicott fala que, diferentemente da proposta da Psicanálise clássica que era associar o brincar a atividade masturbatória, o tema deve ser estudado como algo em si. Pois, a superexcitação pode interromper ou estragar o brincar e o estar com o outro (WINNICOTT, 1975). Por isso, o brincar deve ser estudado com essa separação e não como derivado da atividade masturbatória, visto que a superexcitação pode atrapalhar o estar com o outro e impossibilitar esse brincar, já que é um estado de relaxamento.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Não podemos esperar que a criança fale, tal como um adulto na terapia. Porém, se deixarmos a criança livre para ela brincar com o que encontrar pela frente, veremos ser esse o modo natural dela se expressar. O brincar não tem apenas a função de divertir e passar o tempo, ele é a linguagem da criança, a sua forma de expressão e constituição como sujeito. É como a

criança se comunica, além de ser terapêutico.

Compreendendo que o brincar vai muito além de um, passar do tempo e como isso pode influenciar no desenvolvimento infantil. Bem como, a sua importância na clínica de adultos, é importante conhecer como funciona as brincadeiras e a relação destas como constituição de sujeito, linguagem natural da criança e organização interna. Por isso, a importância de entendermos como é esse brincar, como ele funciona, como podemos interpretá-lo e analisarmos dentro do setting terapêutico atendendo o sujeito nas suas demandas clínicas. Pois o brincar acompanha a vida inteira do ser humano, representado através da capacidade de ser criativo.

É importante ressaltar que este estudo não tem o intuito de esgotar as pesquisas nessa área, pois é uma temática ampla e que necessita de pesquisas adicionais para expandir ainda mais os conhecimentos acerca da importância do brincar como recurso terapêutico e do brincar mediado por tecnologias. Sendo, portanto, tema para futuras pesquisas.

REFERÊNCIAS

WINNICOTT, D. W. **O Brincar e a realidade**. Rio de Janeiro: Imago, 1975.

WINNICOTT, D. W. **A criança e o seu mundo**. 6^a ed. Rio de Janeiro: LTC – Livros Técnicos e Científicos S.A., 1982.

237

WINNICOTT, D. W. **O ambiente e os processos de maturação**. Rio de Janeiro: Imago, 1983.

WINNICOTT, D. W. **Natureza Humana**. Rio de Janeiro: Imago, 1988.

WINNICOTT, D. W. **Tudo começa em casa**. 3^a ed. São Paulo: Fonte, 1999.

WINNICOTT, D. W. **Da pediatria à psicanálise Obras escolhidas**. Rio de Janeiro: Imago, 2000.

WINNICOTT, D. W. **A criança e o seu mundo**. 6 ed. Rio de Janeiro: JC Editora, 1982.

REIS, Rosa (org). **O pensamento de Winnicott: a clínica e a técnica**. São Paulo: DWWeditorial, 2011. (Coleção Psicanálise Winnicottiana)

COSTA, Teresinha. **Psicanálise com crianças**. 3.ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2010

FORTESKI, Rosina. Et al. **Três abordagens em psicoterapia infantil**. Revista Cesumar Ciências Humanas e Sociais Aplicadas, v.19, n.2,p. 525-544, jul./dez. 2014.

SOUZA, T. P. **A criança, a palavra e o brincar: um enlaçamento clínico**. Estilos da clínica. Revista sobre infância com problemas. Vol. 26, n^o 1, p. 99-104, 2021.

FULGENCIO, Leopoldo. O brincar como modelo do método de tratamento psicanalítico. Rev.

bras. psicanál, São Paulo, v. 42, n. 1, p. 123-136, mar. 2008. Disponível em
<[http://pepsic.bvsalud.org/scielo.phpscript=sci_arttext&pid=So486641X2008000100013&lng=pt
&nrm=iso](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.phpscript=sci_arttext&pid=So486641X2008000100013&lng=pt&nrm=iso)>. acessos em 02 nov. 2022.

ZIMERMAN, David E. **Manual de técnica psicanalítica: uma re-visão**, Porto Alegre: Artmed, 2004.

BACKES, C., org. **A clínica psicanalítica na contemporaneidade** [online]. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2007.

CORDEIRO, Sandro. COELHO, Maria das Graças. **Descortinando o conceito de infância na história: do passado à contemporaneidade**. Universidade Federal do Rio Grande do Norte. s.d.

SANTOS, JOSIANE ANDRESSA MACHADO DOS. **A infância na contemporaneidade**. Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul, 2013.

RIBAS, J. C. **Psicanálise da criança**. Revista de Medicina, [S. l.], v. 37, n. 207, p. 173-186, 1953. DOI: 10.11606/issn.1679-9836.v37i207p173-186. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/revistadc/article/view/61648>. Acesso em: 21 maio. 2022.

NAFFAH NETO, Alfredo. **O caso Margaret Little: Winnicott e as bordas da psicanálise**. J. psicanal., São Paulo, v. 41, n. 75, p. 107-121, dez. 2008. Disponível em

<http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=So103-58352008000200008&lng=pt&nrm=iso>. acessos em 06 nov. 2022.